

Redacção e administração
R. de S. Martinho

Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 41

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.º Anno

CONTINUANDO

**Os Eclipses—Os Cometas—
Os Signaes Celestes—As
Mathematicas—A Sciencia
e a religião.**

O dia de amanhã

Salvé!

A Biblia está vencida.

Salvé!

Nem as condemnações de Copernico, nem as fogueiras que queimaram Bruno, nem as perseguições ao desgraçado Galileu, nem as torturas do infeliz Campanella, nem a prisão perpetua a que condemnaram Bacon, nem a miseria a que é reduzido Kepler, conseguiram impedir o triumpho da verdade, deter a marcha da civilização, fazer parar o carro triumphal da liberdade.

Salvé!

Calixto III não resurge para ordenar preces publicas á apparencia dos eclipses e cometas. João XIII não mandará, de novo, baptisar os sinos das egrejas para afugentar as tempestades e os raios. Paulo V e Urbano XIII não tornarão a declarar absurda, falsa e heretica a doutrina de que a terra anda em volta do sol. O santo papa Calixto III! O santo papa João XIII! O santo papa Paulo V! O santo papa Urbano VIII! Os papas infalliveis! Os vigarios de Christo! Os transmissores do sagrado Espirito Santo!

Salvé! Salvé!

Nem os incensos, nem os canticos, nem musicas de palavra, de poesia, de instrumentos harmoniosos, nem essa formidavel epopeia do formidavel Milton:

Terrestre céu, que céos brilhantes cingem
Em ti lançando e para ti sómente
Successivo fulgor de luz perenne (1)

nem toda essa espantosa seducção do sentimento, que a Igreja poz e põe em pratica ao lado da mais espantosa tyrannia, conseguin empanar a luz do pensamento.

Salvé!

A besta humana civilisa-se. A besta humana soffre a acção do tempo. A besta humana põe-se em pé, esfrega os olhos e caminha.

Salvé!

Não se accendem amanhã vélas nos templos. Não se enchem as egrejas de gente apavorada com falsas prophcias. Os lobos não subiram ás torres das cathedraes a tocar os sinos. Não rolam nos ares exercitos de de-

(1) A citação é de memoria. Não temos o texto presente. Mas deve ser exacta. Se o não fór, fica o erro salvado. E' da traducção do dr. Lima Leitão.

monios. A mulher de Roberto não pariu um monstro. O operario, cheio de horror, não abandonou os seus trabalhos. A mãe, afflicta, não une ao peito os seus filhinhos. As multidões não percorrem as ruas com o panico da morte estampado no rosto. Não se veem as fabricas e os campos abandonados, não se sentem os negocios paralyzados, não se apalpa a desordem na administração particular e publica com a certeza anticipada de que vae acabar tudo.

Não. A'manhã ha um eclipse. Todos o sabem. Não é uma falsa prophcia. E' uma certeza mathematica. E não ha chuva de sangue! E os rostos não estão pallidos! E ninguem tem medo!

Comtudo, ainda hontem, quasi, hontem na grande evolução do mundo, era como nós vimos dizendo. Ainda hontem era o pasmo, era o terror, era a loucura.

Salvé! Salvé sciencia! Salvé civilização!

Oh! não. O espirito de Satan não esteve nas profundas do inferno, esteve em Roma. Torquemada, Pedro Arbués, Alexandre VI, tantos papas, tantos cardeaes, tantos inquisidores com azas de morcego, é que foram os modelos do grande Gustavo Doré. Oh! não. As correntes de fogo não sulcaram as entrannhas, sulcaram a superficie da terra. As lavas do inferno correram na França, na Italia, em Portugal e em Hespanha. Aqui se accenderam as fogueiras. Aqui foi o campo das operações de Belzebuth e de Satan. Belzebuth e Satan em trajes de inquisidores, de bispos, de cardeaes e de papas. Belzebuth e Satan de cruz alçada.

E dizia-se que Satan enrolava a capa, curvava a frente, voltava as costas, se sumia, como o estampido formidavel do trovão, por entre phosphorescencias, fumo e cheiro a enxofre, quando lhe faziam o signal da cruz.

Hypocrisia!

Mentira!

Foi Satan, de cruz alçada, que queimou mil loucos nas fogueiras da Lombardia porque, na sua loucura, apregoavam o seu commercio com o proprio Satanaz. Foi Satan, de cruz alçada, que queimou, em 1577, 400 loucos no Languedoc. Foi Satan, de cruz alçada, que, em Trèves, queimou, em poucos annos, 6:500 doidos, porque os desgraçados, na doidice, apregoavam aos quatro ventos que estavam embruxados.

Queimava doidos, como despedaçava nas paredes os craneos das creanças, filhas dos hereticos, como fez em Hespanha e em Lisboa, quando foi da expulsão dos judeus, como fez em França, quando foi da revogação do edito de Nantes, como fez sempre, em to-

da a parte, e em nome de Deus.

O Satan de fronte horrenda, o Satan de olhar de coruja, o Satan de cerebro tenebroso, o Satan cercado de serpentes e mais bichos medonhos, o Satan que odeia as aves, as flôres, as mulheres e as creanças, porque odeia o ar e a luz.

O Satan! Não o Satan da rebeldia, o Satan da sciencia, que este é Deus. Este era Galileu. Este era Giordano Bruno. Este era Campanella. Este era Bacon, Newton, Kepler, La Peyrère, Pedro d'Albatros, Cecco d'Ascoli, Cornelius Loos, Dietrich Flade, Wier, e tantos, e tantos, que soffreram e morreram pela verdade e pela justiça. Estes eram a bondade. Estes eram a luz. E foram martyres!

Mas salvé, salvé liberdade, salvé verdade, salvé civilização que vences sempre. Por aquillo que é amanhã motivo para festas, para passeiadas, para jubilos, se accenderam fogueiras e se abriram já muitas masmorras no mundo. Com a mesma alegria com que amanhã vão padres e reis assistir ao espectáculo do eclipse do sol, foram outros padres e outros reis assistir á queima de Giordano Bruno e á vergonha publica, ao martyrio moral de Galileu.

De Galileu, cujas doutrinas condemnadas dão amanhã esse eclipse, mathematicamente affirmado e precisado!

Clericalha, que nos querelaste e que nos vae metter na cadeia, são inuteis as tuas violencias e os teus esforços para deter o pensamento humano. Vãos esforços! Ralas, mas não matas. Debalde tentas continuar o teu dominio. E' ephemero esse predomínio que te deu a dama do *Sacré Coeur*. Baldado, baldado esforço. A besta humana civilisa-se, mesmo sem o querer. A besta humana ergue-se, mesmo sem o sentir. A besta humana caminha para a luz, mesmo sem o prevér. A besta humana trabalha inconscientemente pelo progresso, mesmo quando dá urros como a besta fera.

Clericalha, que condemnas hoje Darwin como hontem condemnaste Copernico e Galileu, abrandas os teus furores. E' inutil essa azafama para fechares na mão o espirito do homem, mais subtil do que o ether.

Só consegues augmentar, gravar mais, profundar esse sulco de horrores que deixas na historia. Só consegues embaraçar, á força de tyrannias, de mentiras, de torpezas. Embaraçar. Fazer parar, vencer, nunca.

Embaraçaste a medicina, oppondo-lhe a feitiçaria e a magia, como ainda oppões n'este mesmo instante. Embaraçaste a astronomia, a mathematica, a chimica, a industria. Embaraças a paleon-

tologia, a anthropologia, todas as sciencias da indagação, da contra-prova, da experiencia, que são as sciencias da verdade. E és feroz n'esse combate.

Comtudo:

Salvé, sciencia!

Salvé, liberdade!

O futuro é da sciencia. O triumpho será da liberdade.

A feira dos 25 em Aveiro

Realizou-se na sexta-feira n'esta cidade esta importante feira mensal. Como era de esperar foi muito concorrida de gado bovino, suino e cavallar. De gado bovino appareceram estampas de muito merecimento, que obtiveram premio, pois, como tinhamos noticiao, fez-se n'esta feira a primeira distribuição.

Fizeram-se bastantes transacções de valor.

Aviso importante

Foi publicado o decreto retirando da circulação as moedas de prata de 100 e 50 réis, que poderão circular até 31 de julho proximo, sendo depois trocadas por moedas de 1\$000 réis em prata nas agencias do Banco de Portugal e nas recebedorias das comarcas; findo o prazo marcado deixarão de ser recebidas em pagamento. As moedas retiradas da circulação irão para a Casa da Moeda a fim de serem fundidas em moedas de 1\$000 réis.

AO PAIZ

À IMPRENSA

O juiz de direito
na comarca de Aveiro
e a Justiça

Terminavamos o nosso ultimo artigo escrevendo que, sendo a sociedade portugueza toda ella dissoluta, a sociedade aveirense o era, em particular, mais do que nenhuma outra sociedade local. Mas que ainda haveria n'ella bastantes consciencias honestas a quem nos podersemos dirigir.

Hoje, porém, não nos dirigimos, já, só ás consciencias honestas da cidade de Aveiro. E' certo que esta terra está hoje polluida por uma *troupe* de bandalhos, que a exauctoram e deshonoram. Um bando de miseraveis insignificantes, que, mercê da falta de homens, conseguiram ser admitidos nas camadas dirigentes. Nenhuma terra, n'esse ponto, desceu ainda tanto como Aveiro, embora tenham descido todas muito. Em toda a parte se encontra a mandar homens sem capacidade intellectual e sem capacidade moral. Em parte nenhuma, porém, se encontra o garoto, o pedante ridiculo, o pelintra a conviver com homens, dignos ou indignos, mas homens, entretanto, a dar e a fazer opinião, a metter o bedelho em tudo, talvez com tédio do maior numero, mas impunemente e triumphantemente em todo o caso. Isso só aqui. Isso só em Aveiro, diga-se a verdade.

Em abono da verdade diremos tambem, todavia, que Aveiro conserva, não obstante, as suas qualidades primaciaes de raça. Mais do que uma vez o temos visto. Vimol-o ainda ha dez annos, eloquentemente, na questão das irmãs da caridade. Nas classes mais altas da cidade ha homens

de excellentes intenções e de caracter verdadeiramente honesto. O povo, as multidões, conservam todo o velho espirito liberal, de resistencia á reacção, de lucta pela democracia e pela justiça. São todos de facil contemplação. São todos fracos emquanto não são a hora do combate. D'ahi deixarem-se invadir por essa turba-multa de insignificantes e de tratantes, que os maculam o deprimem. Não se deixam dominar por elles, na accepção rigorosa do termo. Não. Isso não. Riem-se d'elles, até. Perseguem nos com o dicto sarcastico, affavelmente sarcastico que tanto caracteriza esta raça. Mas deixam-nos viver, entretanto. E não raro isto compromette os interesses e até o bom nome da população aveirense.

Não é, pois, por termos perdido completamente a confiança nos nossos compatriotas que dizemos hoje que deixamos de falar ás consciencias honestas de Aveiro para falarmos ás de todo o paiz. Não. A população de Aveiro, repetimos, conserva todas as suas qualidades de raça, que se hão de manifestar, estamos certos, em todos os momentos em que a democracia e a justiça precisem do auxilio d'este povo, como ante hontem, como hontem, como hoje, como amanhã, como sempre. Não. Não é por isso. O caso é outro: é que a questão que se ventila já não é só d'Aveiro, mas de toda a parte onde houver consciencia, de toda a parte onde houver algum respeito pela dignidade nacional, cada vez mais ultrajada, de toda a parte onde houver acatamento pela liberdade e pela justiça.

Francisco Antonio Pinto Esparta vae além de todos os limites tolerados no favoritismo na desigualdade, na protecção excessiva a uns e na perseguição clara a outros. Isto são, infelizmente, manifestações de todos os dias na magistratura portugueza, que perdeu todo o seu caracter de independencia, que já se não impõe a ninguem pela linha austera da imparcialidade e do dever. A venda caliu ha muito dos olhos da justiça official, da justiça burocratica. Mas Francisco Antonio Pinto Esparta, já não é só o magistrado faccioso protegendo afilhados e repellindo engeitados. Francisco Antonio Pinto Esparta é a iniquidade, é o arbitrio, é a tyrannia levada aos ultimos extremos. Francisco Antonio Pinto Esparta é a zombaria constante do direito.

E isto não pôde ser. Assiste á população aveirense o rigoroso dever de se impôr a esse homem, que a offende. Reclama a justiça de todas as consciencias honestas que o repillam, que o fulminem.

Os ultimos actos, commettidos por esse homem no exercicio das suas funções, provam bem que nada o faz parar na corrente da arbitrariedade e da iniquidade. Um d'elles é a absolvição de Beatriz de Jesus Vieira, que poz ás portas da morte Maria da Guia. Outro é o que acaba de acontecer com o editor do *Povo de Aveiro*.

Beatriz de Jesus Vieira aggreuiu, furiosa e covardemente, Maria da Guia, dando-lhe tão forte pancada na cabeça que a deixou moribunda. Este facto foi relatado como sensacional pelo correspondente do *Seculo* em Aveiro e ainda pelos correspondentes d'outros jornaes de fora. Por um benevolencia já inexplicavel, Beatriz de Jesus respondeu em policia correccional. E, aqui, havendo tres testemunhas de vista, que relataram a aggressão, com todas as suas aggravantes, foi a mulher absolvida.

Porque?

Porque Beatriz de Jesus era protegida pelo mesmo advogado, em quem

o outro confiava para obter sentença favorável.

Isto é espantoso. Isto parece mentira. No entanto, nada mais rigorosamente verdadeiro.

A comarca de Aveiro chegou a este infeliz estado: ninguém confia na justiça. Quem quer vencer uma questão ou ser absolvido não se agarra á verdade, á razão, nem procura quem melhor argumente com essa verdade e com essa razão; agarra-se ao advogado favorito do sr. juiz.

A nefanda e irritante immoralidade que resulta d'aqui!

O caso do Povo de Aveiro é este. Tendo sido arbitrada ao nosso editor a fiança de 500\$000 réis, apresentou, o advogado, Manuel Homem Christo como fiador e Domingos José dos Santos Leite e Francisco Rodrigues da Graça como testemunhas abonatorias do fiador. Sendo chamados todos ao tribunal, foi-lhes dicto aqui que só no dia seguinte o juiz estaria com *pa-chorra* para ouvir as testemunhas. O nosso prezado amigo Domingos José dos Santos Leite tinha, porém, de ir ao Porto no dia seguinte. Foi, portanto, dizer isso ao juiz, pedindo-lhe ao mesmo tempo que lhe accettasse logo a declaração de que abonava francamente a responsabilidade do fiador. Esparta respondeu que não tinha duvida; que fosse Domingos Leite ao Porto; que lhe bastava a sua palavra; que o auto se faria como se elle estivesse presente, assignando-o elle á noite, quando regressasse do Porto.

No dia seguinte compareceram em casa do juiz o escrivão, o editor e o nosso prezado amigo Francisco Rodrigues da Graça. Esparta ouviu o editor, ouvia Francisco Rodrigues da Graça e perguntou por Domingos Leite. Disséram-lhe o que elle já sabia: que Domingos Leite, dentro do compromisso que juiz tomara com elle, havia partido para o Porto. Então Esparta determinou que o editor fosse immediatamente preso e recolhido á cadeia!

Isto é revoltante. Isto não pratica o homem mais grosseiro, de menos educação e de menos lealdade, que haja no mundo.

Esparta estava no seu pleno direito de não tomar compromisso nenhum com a testemunha. Talvez fosse mesmo o seu dever não o tomar. Mas o facto é que o tomou. E um homem de mais rudimentar decore e de mais rudimentar educação nunca falta aos seus compromissos. Principalmente quando esse homem é uma auctoridade. Principalmente quando é um juiz! Acresce que Domingos Leite é um homem que todos consideram pelo seu caracter, pelo seu trabalho, pelas suas notaveis qualidades de familia, de homem e de cidadão. Acresce que qualquer acto de ostensiva hostilidade, que, n'estas alturas, partisse do juiz contra o Povo de Aveiro, seria tomado por todos como uma vingança miseravel e mesquinha. E nenhum homem medianamente intelligente e com algum respeito pela opinião publica e pela moral quer sobre si esse labéo.

Isto define abertamente Francisco Antonio Pinto Esparta. Isto é sufficiente para mostrar a todos os aveirenses o perigo que resulta da conservação de Francisco Antonio Pinto Esparta á frente da comarca. Os aveirenses dirão se consentem esse attentado aos seus interesses e á sua dignidade.

Pela nossa parte intimamos vivamente Esparta a que nos chame aos tribunaes.

Ouve? Esparta não póde nem deve vingar-se por conta alheia, mas por conta propria. Ouve? Esparta não póde nem deve carregar a mão sobre nós á sombra de suppostas offensas á religião do Estado, mas por offensas feitas á sua propria pessoa.

Ouve? Chame-nos aos tribunaes e veremos se conseguimos ou não provar ahí todas as nossas accusações e ainda outras que temos a fazer.

Ficámos esperando.

FERIADOS

O ministerio do reino determinou que nos dias 28 e 29 do corrente haja feriados em todos os estabelecimentos de ensino dependentes d'aquelle ministerio. A direcção geral de instrucção publica officiou no mesmo sentido aos ministerios da guerra e das obras publicas.

Festa d'Ascensão

Foram assistir á festa d'Ascensão, ao Bussaco, muitas familias d'esta cidade.

O ECLIPSE

Consta-nos que se preparam muitas pessoas d'esta cidade para amanhã irem a Ovar observar o assombroso eclipse.

Oxalá que o tempo esteja claro para melhor se poder presenciarem.

Em Aveiro, que tambem é um dos pontos em que o eclipse attinge bastante intensidade, ha muito interesse e curiosidade em ver este maravilhoso phenomeno.

Por serem interessantes, publicámos as observações que o notavel astrónomo Camillo Flammarion julga uteis á sciencia, e recommenda a todos que observarem o eclipse na sua zona total. São ellas:

- 1.º Observar o effeito do eclipse sobre os animaes, apriscos, curraes, passaros em gaiolas, formigas, etc.
- 2.º Colocar sensitivas debaixo de uma redoma, a fim de as isolar de todo o contacto, e ver se se fecham durante o eclipse.
- 3.º Examinar as ondulações da luz sobre os muros brancos no principio e no fim da totalidade.
- 4.º Notar a chegada e a partida da sombra da lua, correndo sobre a terra com uma velocidade espantosa.
- 5.º Notar o abaixamento da temperatura no thermometro.
- 6.º Os habitantes, que ficam fóra da zona da totalidade, prestam um bom serviço, observando-se verdadeiramente fica um pequeno crescente não eclipsado.

Jayme Duarte Silva
ADVOGADO
R. DO SOL—AVEIRO

de si, se viu completamente cercado d'árvores, entre as quaes se avistavam, é certo, algumas clareiras e algumas veredas, mas estas pareciam ser simplesmente os vestigios dos numerosos rebanhos que iam pastar á floresta ou dos animaes de caça e dos caçadores que os perseguiam.

O sol, pelo qual o cavalleiro tinha principalmente dirigido a sua marcha, acabara de desaparecer por traz dos montes do Derbyshire, á sua esquerda, e todos os esforços que elle fizesse para proseguir a sua jornada tanto poderiam provavelmente desviar-o como fazel-o avançar no seu caminho. Depois de ter em vão diligenciado conhecer qual era o carreiro mais seguido, na esperança de que elle o levasse á choça de algum pastor ou ao casebre de algum coureiro, e

A MATHEMATICA DOS ENTERROS

Linha recta é a que marca o caminho mais curto entre dois pontos. Os cadaveres devem ser conduzidos para o cemiterio pelo caminho mais curto; logo devem seguir uma linha recta. A difficuldade está só em determinar os dois pontos. Não é, porém, impossivel fazê-lo: basta achar o centro de gravidade do cemiterio e o do defuncto. Unidos estes dois pontos por uma linha recta, teremos determinada com todo o rigor a trajectoria funebre, que cortará muros, telhados, alamedas, praças, quintaes, estradas, hortas, esteiros, pomares, cômodos, quartos de dormir, salas de jantar, *water-closets*, etc., etc., trajectoria que se ha de seguir sem protestos, porque é o caminho mais curto.

Chamámos a este caminho trajectoria, por influencia do eclipse.

Emquanto, porém, não puzerem em prática este processo scientifico, para o que é necessario que cada cidadão tenha em casa, entre outras cousas, uma carta topographica, o caminho ou a trajectoria funebre a seguir ha de ser a traçada na planta por uma linha polygonal, que una a porta da habitação do defuncto com o portão do cemiterio, que é a unica entrada publica para mortos e vivos. E como é a unica entrada publica, tambem é a unica saída que os vivos teem direito a exigir que se lhes abra.

A porta que dá para a Fonte Nova, é uma serventia particular, para uso exclusivo dos empregados na guarda, conservação e ornamentação do cemiterio e suas dependencias, e que a camara póde mandar tapar quando muito bem lhe approuver, porque tal determinação está perfeitamente no dominio do seu... direito canonico.

E' assim mesmo. Emquanto se não resolverem a applicar o processo que indicámos, o caminho é este e só este. Não ha outro. Entra-se e sai-se pelo portão que dá para a Corredoira.

Pois que cuidam?! Ralhem, protestem, esfalfem-se, barafustem, esbravejem, soquem-se, se a este extremo os levar o fogo eschatologico que os incendeia, mas não conseguirão provar que a razão está pelo seu lado, enquanto não demonstrarem que a entrada e saída do cemiterio, cuja administração é da competencia exclusiva do municipio, porque é propriedade sua,

tendo-se reconhecido absolutamente incapaz de se decidir por algum, resolveu confiar-se á sagacidade do seu cavallo, porque a experiencia lhe mostrara em occasiões anteriores o maravilhoso talento d'estes animaes para se tirarem de embarracos, a si e seus cavalleiros, em casos semelhantes.

O intelligente animal, comquanto exaustado de fadiga por um grande dia de marcha, sob o peso de um homem mettido dentro de uma armadura, mal sentiu pelas redeas relaxadas que estava senhor de se dirigir por si proprio, pareceu tomar animo e novas forças; ainda pouco antes respondera ás esporadas apenas com um gemido, e agora, orgulhoso pela confiança depositada n'elle, fitou as orelhas e começou espontaneamente a andar com passo mais ligeiro. O caminho

não é pela Corredoira, mas sim por essa portinha de pouco mais de metro, encarrapitada no alto de meia duzia de degraus de difficil subida, e dando para um verdadeiro caminho de cabra que termina por uma estreita e incommoda escadaria, mesmo em frente da entrada principal d'uma casa de prostitutas.

Leve-os a rir, sr. vereador do pelouro, leve-os a rir, porque a sério não se póde tomar!

O MILDIU

Devido á irregularidade do tempo, tem-se desenvolvido consideravelmente o *mildiu*.

De muitas partes do paiz já se queixam contra este terrivel flagello das vinhas.

O casamento entre os barbaros

O contracto nupcial entre estes povos revestia-se de mais poesia do que no tempo presente. A mulher era rodeada de um certo respeito e attentões, que muito contrastavam com as dos tempos antigos. Entre os francos, povos dominadores dos paizes que entestavam com o baixo Rheno, effectuavam-se os contractos dando de beber aos noivos na mesma taça; o pae dizia ao futuro genro, apresentando-lhe a esposa: «Dou-te minha filha para ser tua mulher e a tua felicidade, para que guarde as tuas chaves, e tome parte no teu leite e nos teus bens; em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.» Os circumstantes respondiam: «Assim seja.» No domingo seguinte era apresentada á sua nova familia.

Na manhã do noivado o esposo dirigia-se com os seus á habitação da noiva, onde se achavam reunidos os parentes e amigos, batia repetidas vezes á porta fechada, e entabolava-se um dialogo rhythmico entre os do interior e os recémchegados; depois apparecia a esposa, e o amante cingia-lhe a cintura com a fita symbolica. Não se afastava da casa paterna sem ter, como a indiana Sacontala, acariciado os bois e os cavallos, deitado pela ultima vez o grão á criação, saudado os quartos e os moveis, testemunhas dos seus dias tranquilos e das vagas inquietações de um coração virginal; depois dirigia-se com o duplo cortejo para a habitação de seu marido. Os homens as mais das vezes iam a cavallo, com a espada desem bainhada na mão, para defendel-a contra os rivaes, ou contra os que viam com desgosto o paiz ou a *fara* perder um dos seus mais bellos ornamentos.

O padre que abençoava os esposos junto do altar, lançava-lhes flores sobre a cabeça; e elles depositavam sobre o altar a offerta do pão e do vinho; dirigiam-se depois todos á capella da Virgem; na idade pagã era á deusa Nealennia, representada com um véo sobre o rosto, com um cão ao lado e um açafate de fructos na mão, que se offereciam as homenagens da recémcasada. Os parentes recebiam no altar de Maria uma roca benzida e apresentavam-n'a á esposa, que n'ella fiava um pouco para indicar as occupações e os cuidados que a esperavam.

Entrando em casa, os esposos

por onde elle tomou afastava-se sensivelmente do que até então tinha seguido o cavalleiro; mas este, vendo-o caminhar tão deliberadamente, abandonou-se á sua discreção.

O resultado deu-lhe razão; o carreiro tornou-se cada vez mais largo e mais trilhado; e o alegre tilintar de uma sineta advertiu o cavalleiro de que se achava na visinhança de alguma capella ou ermida.

Com effeito d'ahi a pouco chegava a uma especie de prado, que subia suavemente do lado opposto até uma rocha que se elevava a pique e apresentava aos olhos do viajante a sua frente pardacenta e batida pelas tempestades. N'alguns sitios era guarnecida de hera; n'outros os carvalhos e os azinhos espessos, cujas raizes se alimentavam

achavam alli a multidão dos convidadoss; punham-se á meza, e á sobre-meza apresentavam á noiva um ramo de flores e um pombo; depois entoavam o canto nupcial. Os esposos eram conduzidos aos seus aposentos e bebia-se á prosperidade da sua união; depois de haverem recebido a benção dos parentes, a esposa recebia de cada um dos parentes um beijo e um voto de felicidade.

Na manhã seguinte os esposos assistiam vestidos de luto a uma missa pelo repouso da alma dos seus parentes defuntos, associando assim ás saudades á alegria, o jubilo do matrimonio ás meditações severas do tumulo.

Uma prophelia

Kruger, o presidente da república do Transwaal em guerra com os inglezes, consultou um joven advinho boer, que lhe predisse o restabelecimento da paz em 14 de junho proximo, e a morte do mesmo presidente tres mezes mais tarde.

Kruger e todos os burghers estão absolutamente convencidos da veracidade da prophelia.

A pesca na ria d'Aveiro

A proposito d'este assumpto, recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor.—Lêndo no seu acreditado jornal algumas apreciações com referencia ao uso de certas rédes na ria de Aveiro, concordo que v. tem razão em notar que a Associação dos pescadores não incluirá na sua petição aos poderes publicos a prohibição da réde chamada o *botirão*. Deixa, pois, de ser justa e de mostrar despreendimento de classe se assim proceder, pois é certo que a tal réde, encarada debaixo de todos os pontos de vista, é a que mais prejudica a nossa ria. É peor do que qualquer das de arrastar. E sabe porque, sr. redactor? É que o *botirão*, durante as 6 horas que permanece na agua, recebe todo o peixe, seja elle o mais miúdo, e mata-o. De maneira que nem que se deseje aproveitar, para povoar as piscinas, o peixe miúdo que elle apanha, não se póde, porque durante as 6 horas a propria corrente o tem morto.

As rédes d'arrastar, apesar de condemnaveis, não inutilizam a criação que, depois de aproveitada o peixe graúdo, póde ser lançada na ria ou vendida para as piscinas.

O *tarrafão*, como v. muito bem disse, é tambem uma das rédes que deviam ser banidas da nossa ria, porque é das que maiores danos causam. Cêrca toda a qualidade de peixe miúdo e graúdo, e este quasi sempre com ova, porque o vão buscar aos grandes fundos—sitio escolhido pelo peixe para desovar. Esta réde nunca se emprega na *apanha* da criação para as piscinas. A que continuamente apanha é vendida ou para alimentação ou, o que é mais geral, para o *escasso*. É o que acontece com os *botirões*.

através das fendas das pedras, agitavam-se sobre precipícios, semelhantes ao pennacho que, ornado o capacete de um guerreiro, dá graça a um objecto que devia inspirar terror. Na base do rochedo, e apoiando-se n'elle, havia uma cabana tosca, formada de troncos de arvores cortadas nos arredores e que um revestimento de musgo e barro defendia contra os temporaes. O tronco de um pinheiro novo limpo dos galhos e atravessado na parte superior por um pedaço de pau estava collocado por cima da porta, apresentando um rustico emblema da santa cruz. Perto d'ahi, para a direita, sahia do rochedo uma fonte crystallina e cahia n'uma pedra concava, que a poder de tempo se transformara n'uma bacia rustica; e, escapando-se d'ahi, descia, murmurando docemente, por

Mas, ou porque o Cavalleiro Negro não tivesse amada em quem pensar ou porque fosse tão indifferente em amor como parecia ser no combate, não se achava bastante dominado por ideias sentimentaes a respeito da sua bella e dos rigores para esquecer os effeitos do cansaço nem para que o amor pudesse substituir os sólidos confortos de um leito e uma ceia. Foi, pois, com grande descontentamento que, lançando os olhos em volta

POLEMAS SOLTAS

A VINGANÇA DO BARQUEIRO

damno ao peixe miúdo, como por exemplo: as rês de cerco, salto, branqueira, etc. Este systema de rês é todo de emmalhar, e depende d'um trabalho mais assiduo do que o do *bolirão* que, por este motivo, é preferido ás demais rês.

Quanto ás rês empregadas na *apanha* da criação, são umas pequenas rês que cercam o peixe miúdo nos sitios aonde elle se junta mais, que é pelas margens dos *cabeços* ou ilhotes que ha pela nossa ria. Cercado elle, é passado para uns tanques de madeira ou mesmo depositado entre as cavernas dos barcos, coberto por causa do calor, e renovando-se-lhe a agua com frequencia. Posso affirmar-lhe que não morrem 10 peixes em 100. E affirmo-o com conhecimento de causa.

Não sei porque motivo o nosso pescador move uma guerra espartosa á piscina, embora lucre com a sua existencia. Lucre, empregando-se na *apanha* do peixe; as suas mulheres compram-no para revender nas occasiões em que o mercado está menos abastecido. Que querem mais? Certamente queriam que estas propriedades jazessem como antigamente á mercê de muitos individuos que as consideravam como suas.

Creia, sr. redactor, que se um dia nos faltassem as piscinas, havia de succeder muitas, muitas vezes, em occasião de temporaes, não haver um peixe para comprar! Isto é a pura verdade.

Desejarei muito, muito, que alguma coisa se faça em beneficio de uma classe que me é sympathica, e se harmonisem as cousas ao interesse de todos.

E espero, sr. redactor, que me desculpará, se por ventura o vim incomodar com esta minha já longa exposição, mais creia que o que ahi deixo escripto, é a expressão da verdade.

X.

Se o espaço nol-o permitir, faremos no proximo numero algumas considerações a este respeito.

Uma receita

O unico processo que se conhece para, com algum resultado, tirar o gosto a bolor ao vinho, é batel-o com azeite isento de qualquer mau gosto. Assim se consegue diminuir o gosto a bolor, mas não fazel-o desaparecer completamente.

Em casa do advogado:

- Mostrou o recibo ao auctor?
- Mostrei.
- E elle que disse?
- Disse-me que fosse para o biabo.
- Você que fez?
- Vim ter com v. ex.ª

Segundo informam varios jornaes estrangeiros, em Austria consideram-se perdidas quasi todas as colleitas do presente anno, devido aos consecutivos e rigorosos temporaes que alli tem feito.

de tubarão, que apparecem com muita frequencia na antiga architectura dos saxões. Por cima do alpendre eleva-se sobre quatro pequenos pilares um campanario em que estava suspensa a sineta, esverdeada e exposta ás tempestades, cujos debeis sons o Cavalleiro Negro ouvira pouco antes.

Toda esta scena pacifica e tranquilla, que se offerencia aos olhos do viandante, illuminada pela claridade crepuscular, deu-lhe a boa esperanza de ter achado pousada para essa noite; porque era um dever sagrado para os eremitas que habitavam as florestas o exercerem a hospitalidade com os viajantes perdidos ou surpreendidos pela noite.

O cavalleiro, portanto, não perdeu tempo a considerar minuciosamente as particularidades que des-

Tinha má fama o dono do «Bessouro», uma taberna perdida no caminho de Panema, á distancia do rio S. Francisco.

Contava-se d'elle historias de feiticarias, de bruxedos, que as velhas repetiam, baixinho, em torno das ladeiras, contas na mão e enfiando de mistura Padre Nossos.

Vivia alli perto, n'um casebre humilissimo, um pobre barqueiro, pae de seis creanças muito loiras e marido d'uma guapa moçetona, que o taberneiro de ha muito cubigava.

Proposito ou acaso, o taberneiro chamou o «Zé do Barco» um bello dia, e pediu-lhe que fizesse a sua venda.

Tanto agrado mostrou, tanta promessa, que o barqueiro accedeu e as relações com o barqueiro estreitaram-se.

Quando o «Zé» não estava na venda, o taberneiro ia procural-o á propria casa onde se demorava a conversar com a «Marocas», sobre muitas cousas, entre as quaes a sua posição n'aquella terra e o que viria a ser para o futuro.

O «Zé do Barco», afinal, desconfiou que o taberneiro queria alguma coisa da «Marocas», taes as olhadellas que elle deitava ás ancas da cachopa...

Ferveu-lhe o sangue, e, agarrando a mulher pelo braço, bravejou:

— Dize-me cá... aquelle patife do Mathurino já te disse alguma coisa que me offendesse? deu-te a entender que gosta de ti...

— O' homem! Crede! Cruzes! tu estás doido! Que se atrevesse, a vêr se eu lh'o consentia.

Cabou-se o ciumento e de ar feroz, olhar muito brilhante e carregado, lá se foi em procura do taberneiro.

A's primeiras palavras do «Zé do Barco», o Mathurino deu um murro tremendo nas taboas do balcão tosco, de pinho, e gritou:

— Grande patife! Só isso me faltava! Eu desejar a tua mulher! aquella «besta», mãe de seis burrinhos! Ora adeus!

— Cuidado «sô» Mathurino! — Cuidado! Cuidado com quê? Ora põe-te d'aqui para fóra, meu patife.

E o taberneiro agarra n'um bacalhau enorme, e descarrega-o na cara do barqueiro.

Uma onda de sangue subiu ao rosto do pobre «Zé do Barco». Por tres vezes fez gesto de avançar e outras tantas quedou-se pensativo resmungando:

— Não! Tenho familia!

E, fitando um olhar cheio de ira no Mathurino, disse surdamente:

— Tendeiro do diabo, não te mato porque tenho familia... Mas escuta: eu hei de me vingar... Lembra-te d'isso.

E fugiu por entre appos da gente que accudira ao alarido.

crevemos; mas dando graças a S. Julião (padroeiro dos viajantes), que lhe tinha deparado um abrigo, apeou-se do cavallo e com o cabo da lança bateu á porta da ermida para chamar a attenção e alcançar entrada.

Passou-se algum tempo sem obter resposta, e a que ouviu não foi animadora.

— Quem quer que sejas passa adeante, disse do interior da choça uma voz rouca e forte,— e não perturbes o servo de Deus e de S. Dunstan nas suas orações da tarde.

— Reverendo padre, replicou o cavalleiro, está aqui um pobre viandante perdido n'estes bosques, que te fornece a oportunidade de exerceres com elle a caridade e a hospitalidade.

— Querido irmão, tornou o habitante da ermida, approuve a Nos-

Muito tempo depois, o «Zé do Barco», empregava-se em passar viajantes de Panema para a margem opposta do rio.

La alto o dia, um frio dia de inverno rigoroso.

Sulcos de fogo abriam-se no espaço a cada instante, entre nuvens de chumbo.

Trovões enormes ribombavam no ar, enquanto a chuva cahia sobre o rio que se estorcía no torvelinho da corrente furiosa.

«Zé do Barco» guiava uma canôa em direcção a casa quando, subito, um grito resouu do lado opposto.

Voltando-se viu apenas um volume que a corrente arrastava.

— Meu Deus! Nossa Senhora accuda ao desgraçado!

E a toda a força impelliu a canôa até chegar perto d'um homem que se debatia baldadamente para vencer a torrente, que já lhe levava ao longe o pequeno batel que se voltara e o precipitava no turbilhão das aguas.

E o «Zé do Barco» agarrou-o pelos cabellos com vigor e ia collocar-o na canôa, quando ao vêr-lhe a face livida, bradou:

— Ah! E's tu, excommungado!... Não te lembras do que me fizeste? Agora vaes pagal-o.

Feroz, e medonho, abriu os dedos largando o pobre diabo, que outro não era senão o Mathurino.

Este soltou um grito, bracejou e as aguas formaram em volta um redemoinho e fecharam-se em seguida sobre o corpo do desgraçado.

Entretanto, o «Zé do Barco», impellido de novo a canôa para terra, ia murmurando:

— Eu bem te disse que havias de pagar-m'as.

A igreja catholica não tinha nada no seu principio que fosse contraria a uma democracia.

Ella não devia mesmo se não voltar á tradição evangelica e reviver na igreja dos humildes e pobres, restabelecendo a universal comunidade christã.

Ella é de essencia democratica e se se metteu com os ricos e os poderosos, quando o christianismo se tornou em catholicismo, é porque só obedeceu á necessidade de se defender para poder viver, sacrificando a sua pureza primitiva, de sorte que hoje em dia se ella abandonasse as classes dirigentes condemnadas, para voltar á plebe dos miseraveis, aproximarse-ia simplesmente de Christo, rejuvenescendo-se, purificando-se dos compromettimentos politicos que tem soffrido.

Emile Zola.

RESERVAS

No dia 1 de agosto proximo reunirão nas sedes dos districtos de recrutamento e reserva, 4:000 praças da 2.ª reserva, a fim de receberem a necessaria instrucção militar, durante 17 dias.

Esta instrucção será ministrada por grupos de duas companhias, que terão a organização de pé de paz.

sa Senhora e a S. Dunstan fazerem de mim objecto d'essas virtudes, em vez de as exercer eu proprio. Eu não tenho aqui provisões que um cão queira partilhar commigo, e um cavallo habituado a ser tratado com alguma delicadeza desprezaria a minha cama; continúa, pois, o teu caminho e que Deus te proteja.

— Mas, replicou o cavalleiro, como é possível que eu ache o meu caminho através de um bosque como este, se já mal se vê? Rogo-vos, reverendo padre, se sois christão, que me abraes a vossa porta, ou pelo menos que me indiqueis o caminho.

— E eu rogo-vos, querido irmão em Christo, tornou o anachoreta, que me não perturbeis por muito tempo: Por vossa causa já deixei de dizer um *pater*, duas *ave* e um

As praças que forem chamadas, alojar-se-hão nos quartéis dos corpos da guarnição.

Cada uma das praças, no acto da apresentação, deve receber um barrete, uma gravata, um jaleco, uma calça de brim e um par de alpercatas.

Os que satisfizerem de prompto a importancia d'estes artigos, poderão arranchar e pernoitar fóra do quartel.

A força que vaee receber instrucção, regula pela terça parte do contingente de um anno.

Significação curiosa

Contam os livros de sciencia, pouco lidos hoje em dia, que um doutor notabilissimo, depois de numerosas experiencias e profundas observações, chegou a descobrir a relação que existe entre as iniciaes dos nomes de mulheres e as qualidades moraes do bello sexo. Eis o resultado dos seus estudos.

As mulheres cujos nomes principiam por

- A—são voluveis
- B—modestas.
- C—carinhosas.
- D—scismaticas.
- E—ciumentas.
- F—orgulhosas.
- G—caritativas.
- H—faladeiras.
- I—rabogentas.
- J—economicas.
- L—graciosas.
- M—sympathicas.
- N—fatuas.
- O—attractivas.
- P—neutras.
- Q—vaidosas.
- R—meigas.
- S—comilonas.
- T—travessas.
- U—amorosas.
- V—romanticas.
- X—tolas.
- Z—trabalhadoras.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro — Lisboa.

ANNUNCIOS

VENDA DE CASAS

VENDE-SE duas moradas de casas, com quintal e poço. Trata-se com Antonio Bessa, rua das Olarias—Aveiro.

NOVA ALQUILARIA

DE MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Rua da Alfandega AVEIRO

credo, que o meu voto,—desgraçado de mim—, me obriga a recitar antes de nascer a lua.

— O caminho! o caminho! voiferou o cavalleiro,—ensina-me o caminho que hei de seguir, se nada mais posso esperar de ti.

— O caminho, replicou o ermita, é facil de achar.

D'aqui vaee ter a um pantano e d'este a uma ribeira que, como as chuvas teem diminuido, deve ser vadeavel. Depois de a tees atravessado, repara bem onde puzeres os pés na outra margem, porque ella é cheia de precipicios e o caminho que segue ao longo da ribeira cedeu em muitos sitios, segundo me disséram (porque eu raras vezes saio da minha capella). Depois continuarás a caminhar em frente...

(Continua.)

O *tarrão* não se emprega na *apanha* de peixe para as piscinas. Oxalá que fosse verdade, porque então não iria para adubo das terras o peixe que dentro dos reservatorios se podia desenvolver. Isto de se dizer, sr. redactor, que o peixe que se apanha para as piscinas soffre uma quebra de 99 por cem, é uma cantiga apregoada por certos invejosos que não vêem bem o estabelecimento das piscinas. E' certo que o peixe que entra nas piscinas soffre alguma diminuição, e é isso devido ás contingencias a que está sujeito, como ser devorado pelo peixe grande, pelas aves aquaticas, pela *apanha* do moliço, e por muitas outras causas.

Creia, sr. redactor, que o peixe que se apanha para as piscinas não morre com a facilidade que dizem alguns *praticos* theoreticos e não theoreticos, porque o interesse de quem o apanha, é conservar tanto quanto compra. Alimenta-o, renova-lhe as aguas, etc., e emprega todos os meios do o salvar. De maneira que muito mais util é aproveitar-se o peixe para criar, do que apanhal-o e vendel-o para adubo das terras, como quasi sempre succede. Que pena e quantas vezes succede vender-se na praça peixe que se não pôde comer se não com a espinha, tal é a sua pequenez!

Tambem se falla muito por o peixe da piscina estar isento do imposto do pescado. Parece á primeira vista que não é justa tal isenção; mas se dissermos que d'esta propriedade se paga a contribuição predial, se gasta dinheiro para pôr as reservatorias em condições de lhes não chegarem as aguas das marés grandes, e bem assim do empate relativamente grande de capital, forçosamente se reconhecerá que o fallecido dr. Edmundo Machado teve razão de sobra, fundamentando n'este sentido a sua petição ao estado, e que bem andou o poder central attendendo-a.

De resto, o peixe que é exposto á venda por conta do proprietario da piscina, se não paga o imposto do pescado propriamente dito, paga, todavia, o imposto do sello, d'onde resulta que tudo vem a dar no mesmo.

O pescador, além do imposto de 5 por cento que paga para o estado, paga, porventura, alguma decima ou renda por pescar em aguas publicas? Não. Não paga e contente deve ficar quando tem de pagar muito.

Partamos, pois, d'este principio, sr. redactor: ainda com referencia ás rês, tanto faz rês de arrastar como a grande *tarrã*, d'*bolirão*, etc., todas ellas fazem mal á nossa ria, e difficilmente se conseguirá impedir o seu uso. Atenuar um pouco o damno que ellas causam, poder-se-ia conseguir com uma rigorosa fiscalisação nos mercados, isto é, peixe que expuzessem á venda em condições de se não poder comer, apprehendel-o e multar o expositor. D'esta maneira podia ser que, pouco a pouco, os nossos pescadores fossem substituindo as suas rês por outras que não fazem

um caminho que tinha aberto pouco a pouco, até á pequena clareira, d'onde ia perder-se no bosque visinho.

Perto d'essa fonte havia uma pequena capella arruinada, de que só existia já parte do tecto. Esse edificio, quando ainda inteiro, não tivera mais de dezeseis pés de comprido e doze de largo, e o tecto, proporcionalmente baixo, assentava sobre quatro arcadas concentricas que, partindo dos angulos, eram sustentadas por quatro pilares curtos e massios; duas das arcadas tinham ficado em pé depois de cahir o tecto que sustentavam; o resto do tecto estava intiro.

A entrada para esse antigo lugar de devoção era por uma porta em arco de volta abatida e ornada de muitas linhas de labores em zigue-zague, semelhantes a dentes

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Balrrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, pregos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

Azeite do Douro BARRA - PHAROL

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barças; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

ESTA facinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo se vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escallam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins (O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encomendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affançã a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio.

Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — AVEIRO

NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCOES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos